

**PERPÉTUA, MARIA EGÍPCIA, CUSTÓDIA: AS FILHAS DA ELITE
FARROUPILHA (RS, 1835-1845)**

CARLA ADRIANA DA SILVA BARBOSA*

Resumo: Com a ajuda de inventários, correspondências e bibliografias, procurei entender o papel ocupado pelas filhas da elite farroupilha na formação do núcleo parental direto. Em um contexto condicionado pelo patriarcalismo e, até mesmo, pela instabilidade da guerra, tantos os homens quanto às mulheres ocupavam importantes papéis familiares. Além disso, as famílias se organizavam para dar importante atenção ao futuro de suas filhas. Isso é demonstrado na preocupação com seu comportamento e seu aprendizado. Estes cuidados visavam assegurar os bens simbólicos e materiais pertencentes à família.

Palavras-chave: Elite farroupilha, Mulheres, Século XIX, Rio Grande do Sul.

No decurso dos anos de 1835-1845, o Império brasileiro lutou contra o movimento reivindicatório mais longo de sua história: a Guerra dos Farrapos. Uma guerra podia ser um momento difícil na vida das pessoas que a enfrentavam. Mesmo quem não estivesse diretamente em postos de combate e sim a vivendo através de quem participava das batalhas poderia ter sua vida afetada por ela. A Guerra dos Farrapos influenciou a vida econômica, política e social de muitas famílias e foi por elas influenciada. O período em que foram travados combates foi também em que as famílias e os papéis familiares foram postos a prova, em que havia necessidade de ajuda para o enfrentamento da situação. A revolução farrapa e a documentação produzida sobre ela nos deram a chance de conhecer mais sobre a vida intrafamiliar da elite farroupilha, suas trajetórias e o papel das mulheres no seu cotidiano. Veremos aqui a importância das filhas desta elite farroupilha para suas famílias.

Na elite farroupilha, as filhas tinham um importante papel na ampliação dos laços sociais, principalmente através do estabelecimento de laços matrimoniais e na sua

* Aluna do Curso de Doutorado da Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS

participação nos apadrinhamentos. Nascer mulher no século XIX e, ainda pertencer à elite, era tão valorizado quanto aos homens e o nascimento de uma filha era tão bem-vindo quanto de um filho. Do mesmo modo que os filhos, as meninas também recebiam nomes que fizessem referência a algum membro familiar. As filhas do farroupilha Antônio Vicente da Fontoura e de Clarinda Porto da Fontoura foram nomeadas da seguinte forma: Clarinda, sua filha, recebeu o nome de sua mãe, esposa de Vicente da Fontoura; Josefa recebeu o nome de uma tia, irmã de Clarinda Porto da Fontoura; Gabriela Benta foi assim nomeada em homenagem ao seu avô materno Gabriel, e por Benta para fazer referência à sua tia, irmã caçula de seu pai. Maria Egípcia compartilhava o nome de sua tia, também irmã de seu pai Antônio; Vicência recebeu o nome de sua avó paterna; já a sexta filha do casal, Antonia, foi assim batizada para ter o prenome de seu pai, enquanto à sua caçula, Luzia, foi concedido o nome de sua avó materna.

Quanto às filhas de outro farrapo, Bento Gonçalves e sua esposa Caetana Garcia da Silva, foram nomeadas, primeiramente Perpétua, que recebeu o nome de sua avó paterna. Mais tarde, suas irmãs Maria Angélica e Ana Joaquina foram assim batizadas para homenagear suas tias, irmãs de Bento Gonçalves.

Da mesma forma, o também farroupilha Domingos José de Almeida e Bernardina Barcellos de Almeida homenagearam membros de suas famílias. Suas duas filhas, Maria Izabel e Maria Carlota, receberam o prenome de sua avó materna, Maria. Abrilina Decimanona Caçapavana foi assim nomeada por ter nascido aos 19 de abril, na cidade de Caçapava.

A transmissão de prenomes da família tinha um importante significado. Ela era a manutenção da memória do grupo e também sua continuidade. Além da tentativa de atribuir virtudes e qualidades a quem seria nomeado e mesmo uma ideia de fusão de identidades. Desta forma, para estas famílias da elite farroupilha, o nome de suas filhas merecia atenção, pois elas seriam o “reflexo feminino” da nova geração. O nome deveria ser escolhido com todo o cuidado e carinho, pois ele poderia influenciar a vida destas meninas, suas características, seu modo de ser e seus traços. Além disso, a nomeação era uma homenagem às mulheres das gerações anteriores e que, seguindo a lógica da importância e de tudo o mais que estava incumbido em um nome, foram dignas de ter seu nome perpetuado (HAMMEISTER, 2007, pp.115-133).

As meninas recebiam tanto o afeto e cuidado dos pais quanto seus irmãos e eram sempre lembradas nas cartas. Bento Gonçalves fazia questão de adjetivar “por minha querida” sua filha Perpétua ao mandar lembranças quando escrevia ao genro e sobrinho Inácio de Oliveira Guimarães: “(...) *penso dar uma volta por essa parte, se me for possível, o que tanto ambiciono, tanto para ver minha família como para abraçá-lo e a minha querida filha*”. (Coletânea de documentos de Bento Gonçalves da Silva, 1985, p. 65).

Certamente, existia diferença na criação das crianças por seu gênero. Aos homens o aprimoramento da formação poderia ser um acréscimo para sua carreira, mas esse aprimoramento não fazia parte do cotidiano feminino. Enquanto alguns filhos eram enviados para estudar fora e até mesmo se graduarem por alguma universidade, a educação das filhas desta elite era voltada para o casamento e para a maternidade, sendo, algumas vezes, também para a vida religiosa. Se aos homens cabiam dois destinos: carreira e/ou casamento, para as mulheres restava apenas o casamento. Se alguma mulher não conseguisse se casar, provavelmente viveria com seus pais e seu papel familiar seria cuidar deles quando doentes.

Ao falecimento de seus pais, ela acabaria por viver com um dos seus irmãos ou irmãs casados. Mesmo que tivesse recebido uma boa herança, a mulher solteira da elite farroupilha dificilmente viveria sozinha e por conta própria, já que era importante para as famílias as quais estas pertenciam estar vinculada a um núcleo familiar, mesmo que não fosse o seu e, que, neste núcleo não fizesse o papel de filha, esposa ou mãe, permanecendo no papel de irmã e/ou tia. Quando da morte prematura da mãe, a filha mais velha podia ser encarregada por sua “substituição”, ajudando na criação dos outros irmãos. Já a filha mais nova, muitas vezes era a incumbida dos cuidados aos pais idosos. Isso fazia parte da dívida do *dom*. Estas filhas deviam aos pais sua vida e sua subsistência. Deste modo, retribuir os cuidados que haviam recebido deles era uma de suas obrigações. Além disso, através destes desvelos, elas poderiam também receber melhores bens ao falecimento dos pais.

A repartição de bens se dava de forma igual entre filhos e filhas e isso era legitimado pelas Ordenações Filipinas. Nos inventários de Bento Gonçalves, de Antônio Vicente da Fontoura e de Clarinda Porto da Fontoura foi possível identificar essa equidade. Bento deixou às suas filhas Perpétua, Maria Angélica e Anna Joaquina, da

mesma forma que aos filhos Joaquim, Bento, Leão e Caetano, um quinhão no valor de 1:300\$000, distribuído entre bens de raiz e semoventes (RIHGRGS, Ano XXVII, I a IV trimestre de 1947, n.105-108, pp.31-46). Já Clarinda Porto da Fontoura deixou de pagamento a cada uma de suas filhas Clarinda, Josepha, Gabriela, Antonia, Maria Egypcia, Vicência e Luzia, como também aos filhos Antonio, José, Afonso, Francisco, Bento, João e Tito a quantia de 103\$863 entre bens móveis e semoventes (Inventário de Clarinda Francisca da Fontoura). Quanto a seu marido Antônio Vicente da Fontoura, esse deixou às filhas e aos filhos, um quinhão de 6: 047\$687, distribuído entre bens móveis, de raiz e semoventes. Além de ter dotado suas duas filhas Clarinda e Gabriela no valor de 1:300\$000 e outra, Josefa, no valor de 1:200\$000 (Inventário de Antônio Vicente da Fontoura). Ele também fez referência ao dote de sua filha Antonia em uma correspondência trocadas com sua esposa Clarinda: “(...) *as minhas chilenas de prata são para a Antoninha porque é a que trabalha mais, e deve desde já ir fazendo sua acumulação de dote; o avô que lhe faça colheres e ela que guarde (...)*”. (Diário de Antônio Vicente da Fontoura, 1984, p.144). Como podemos notar Antonia não aparece entre as filhas dotadas do casal Antônio Vicente da Fontoura e Clarinda Porto da Fontoura. No inventário aparecem meios dotes, mas não estão nomeados, apenas apresentam o valor de 1:900\$000. Contudo, na declaração e avaliação dos bens apresentados no inventário de Vicente da Fontoura, entre a prataria encontravam-se 18 colheres de sopa, com 295 oitavas no valor de 70\$800 e ainda nove colheres de chá, contendo 40 oitavas no valor de 9\$600. Se as colheres que deveriam ser feitas das chilenas de prata de seu pai couberam à Antonia na repartição dos bens, infelizmente não sabemos.

Muitas vezes os dotes podiam ser substituídos pelas antecipações de heranças e, até mesmo podiam incluir os recursos empregados com a educação dos filhos. Como nos lembra Farinatti: “*enviar um filho em busca do diploma acadêmico representava um investimento significativo para uma família abastada*”. (Farinatti, 2007, p.228). E ainda, segundo o mesmo autor, citando Brügger: “*esses investimentos não visavam apenas a construção de um futuro sólido para os filhos, mas tinham também como horizonte a expectativa de que a família pudesse colher os dividendos da atuação do filho ‘doutor’*”. (Idem, ibidem).

Mas se os filhos recebiam uma educação voltada para sua formação profissional, as filhas, quando a recebiam, tinham uma instrução mais voltada para a administração doméstica. Era interessante se as mulheres soubessem as primeiras letras, algumas funções básicas de matemática e compreendessem bem o funcionamento de uma casa, saberes fundamentais para seu futuro papel de esposa e mãe. Segundo Catherine Hall “*a melhor maneira de ter um bom casamento para as filhas era conseguir que elas se tornassem ‘destras, hábeis e ativas nas tarefas indispensáveis de uma família’*”. (PERROT, 1991, p.78)

Dessa forma, era importante ter um mínimo de instrução para que, quando se tornasse esposa, fosse capaz de ajudar o marido na administração dos bens do casal e na economia doméstica, conhecer o preparo de comidas e a organização de uma casa para supervisionar as escravas domésticas, que faziam boa parte desse trabalho. Além disso, conhecendo as primeiras letras, elas poderiam, quando mães, ajudarem na instrução e supervisão da instrução de seus filhos. De acordo com Michelle Perrot, as principais funções de uma mulher eram: em primeiro lugar, dar à luz e cuidar as crianças, sendo o filho, sua saúde e educação invocados como fundamento dos deveres e poderes das mulheres; em segundo lugar, estava o atendimento a família, com os “serviços de casa” (PERROT, 1991, pp.142-144). Para as mulheres da elite farroupilha, os “serviços da casa” provavelmente consistiam no aprendizado de cozinhar, costurar, cuidar da casa e das roupas. Essas tarefas, provavelmente, eram aprendidas com a mãe e com as escravas da casa.

Se as filhas recebiam uma educação voltada ao matrimônio e a maternidade, era fundamental que elas observassem o consentimento dos pais para a escolha do cônjuge. Os pais tinham o apoio das Ordenações Filipinas para se fazerem obedecer por suas filhas, contudo, as mesmas Ordenações não permitiam que os genitores deserdassem uma filha, desde que ela se casasse com um homem de posição social superior a sua e de seus pais, mesmo que o casamento se desse sem o consentimento deles (Ordenações Filipinas, liv.4, tít.88, par.3.).

Conceder um dote e executar o matrimônio de uma filha era tanto um assunto familiar, como de interesse material, pois através deste laço, seriam criadas ou reforçadas ligações com outras famílias. Isto ajudaria a ampliar os aliados e também os negócios, podendo colocar a família, até mesmo, em outras áreas de atuação. Como para

os filhos, a escolha do cônjuge poderia dar-se dentro ou em um diferente campo de atuação do pai. Perpétua, primogênita de Bento Gonçalves, foi casada com o fazendeiro e charqueador, Inácio José de Oliveira; sua irmã, Maria Angélica, também se casou com um fazendeiro e, seu primo Antônio José Centeno; sua irmã mais nova, Ana Joaquina, foi casada com o comerciante Miguel Pinto Rego (FABRÍCIO, 1986). As filhas de Antônio Vicente da Fontoura se casaram com homens que ocupavam cargos militares. Clarinda Amália com o major Gaspar Xavier da Silveira; Josefa Leopoldina com o capitão Miguel Candido da Trindade e Gabriela com o também capitão Carlos Augusto Nogueira da Gama (Inventário de Clarinda Francisca da Fontoura).

As filhas, assim como seus irmãos, eram um investimento crescente, por isso não deixavam de passar por certa coerção. A ideia de culpa e ingratidão para com os genitores também estava presente na vida das moças. Seus pais haviam lhe dado a vida e eram responsáveis por sua sobrevivência. Elas lhes deviam gratidão, obediência e resignação. Contudo, os pais poderiam saber o quanto o afeto e respeito do futuro marido era parte importante na vida matrimonial. Assim, um “bom partido”, poderia ser alguém com bens materiais e simbólicos, mas também com afeto por sua filha. Estamos analisando mulheres que pertenciam a famílias da elite e, pertencer a este grupo, poderia ter sido um diferencial no tratamento cotidiano entre o casal.

Vemos aqui mulheres de famílias importantes, o que poderia contribuir para que os homens “respeitassem” suas esposas ou futuras esposas. E, da mesma forma que Bento Gonçalves, Domingos de Almeida e Antônio da Fontoura, seus genros deveriam tomar em consideração a posição ocupada pela família da esposa. Ser filha de Caetana Garcia da Silva e Bento Gonçalves da Silva, de Bernardina Barcellos de Almeida e Domingos José de Almeida ou de Clarinda Porto da Fontoura e Antônio Vicente da Fontoura possibilitaria a ideia de que nenhum de seus genros ou futuro genros gostaria de se indispor com estes homens ou com os irmãos de suas mulheres, noivas ou namoradas, por desrespeitá-las. A falta de respeito seria algo não apenas ligada à virgindade da futura esposa, mas também a forma como seria tratada durante o casamento. Desrespeitar a filha de alguém era desacatar toda sua família e quem gostaria de faltar com o respeito às filhas de famílias tão influentes?

Manter a honra da família era algo fundamental e como nos lembra Sartre: “*o legado familiar não se reduz aos bens materiais. A herança é igualmente uma agenda*”

de relações, um capital simbólico de reputação, uma posição, um estatuto, ‘uma hereditariedade das obrigações e das virtudes’. (PERROT, 1991, pp.114). Deste modo, o nome da família e todo o arcabouço em que ele estava envolvido deviam ser honrados pelas filhas, principalmente com a manutenção de sua pureza. A virgindade era um bem simbólico fundamental na vida de uma moça que pertencia às famílias da elite farroupilha, assim como um ideal cristão. Segundo a literatura cristã, a virgindade era a garantia de ascese, da libertação do mundo decadente, imortalidade (VAINFAS, 1992, pp.8-10). Esse discurso, baseado nas ideias como as de São Paulo, tinha como finalidade convencer homens e mulheres a não se casarem (VAINFAS, 1992, p.7). Contudo, o discurso era mais voltado à castidade feminina. Mesmo assim, ao longo do tempo, os discursos cristãos tiveram que se render à ideia de uma conjugalidade entre homens e mulheres e acreditar que o casamento era melhor que a fornicção. Para a elite farroupilha não se tratava apenas disso. Tratava-se também de uma forma de legitimar e estender seu poder, formando ou reafirmando laços de parentesco e entre aliados, para a ampliação dos bens materiais e simbólicos. Se houvesse cópula antes do casamento, uma forma de remediar seria o próprio casamento.

Mas preservação da castidade feminina antes do casamento tinha uma importante aliada: a auto-regulação. As meninas das famílias da elite farrapa sabiam que a sociedade sul-rio-grandense do século XIX esperava delas um comportamento condizente com sua posição social. Desta auto-regulação dependiam todas as relações sociais destas pessoas – não somente das moças, mas também a quem elas estavam ligadas – na esfera privada e também na pública. Era necessário que as mulheres das famílias da elite farroupilha seguissem certas normas sociais estabelecidas.

Desta maneira, era necessário às filhas das famílias da elite farroupilha cumprir certas exigências sociais, como cuidar sua auto-imagem, sua reputação e ser confiável. Disso tudo dependia não apenas sua imagem, mas também de sua família. Para isso, elas deveriam seguir modelos preexistentes de conduta, formulados por esta mesma elite. Entre os modelos de como se devia proceder estavam as “qualidades pessoais femininas”: pureza, obediência, resignação, companheirismo e tornar-se boa esposa e mãe. Os papéis de boa esposa e boa mãe eram os destinos que a sociedade esperava para estas mulheres, assim como elas mesmas.

Fontes Impressas

ANAIS DO ARQUIVO HISTÓRICO DO RIO GRANDE DO SUL (AAHRS – Coleção Varela), 17 volumes. Porto Alegre: Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul.

Coletânea de documentos de Bento Gonçalves da Silva. 1835/1845. Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Comissão Executiva do Sesquicentenário da Revolução Farroupilha, Subcomissão de Publicações e Concursos, 1985.

Diário de Antônio Vicente da Fontoura. Porto Alegre: Sulina/Martins, Caxias do Sul: EDUCS, 1984.

Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul - RIHGRS, Porto Alegre: Oficinas Gráficas da Imprensa Oficial, Ano XXVII, I a IV trimestre de 1947, n.105-108, pp.31-46.

Referências documentais

Inventário de Clarinda Francisca da Fontoura. APERS, ano: 1879, n: 415, m: 21, e: 52. Cartório de Órfãos e Ausentes. Inventários. Cachoeira do Sul.

Inventário de Antônio Vicente da Fontoura, APERS, ano: 1861, n: 233, m: 13, e: 143-D. 1ª Vara de Família (Ex-Órfãos). Inventários. Cachoeira do Sul.

Ordenações Filipinas. Livro 04, Tit. 80-107. Disponível em <http://www.uc.pt/ihti/proj/filipinas/ordenacoes.htm>

Referências Bibliográficas

FABRÍCIO, José de Araújo. *A descendência de Bento Gonçalves da Silva*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1986.

FARINATTI, Luis Augusto Ebling. *Confins Meridionais: famílias da elite e sociedade agrária na Fronteira Sul do Brasil (1825-1865)*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro. PPG – História Social, 2003 (Tese de Doutorado).

FLORES, Moacyr. *Revolução Farroupilha*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1984.

HALL, Catherine. Sweet Home. In: PERROT, Michelle (org.). *História da Vida Privada – Da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. Vol.4. Tradução Denise Bottman e Bernardo Jofilly. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, pp.53-87.

HAMEISTER, Martha. *Para dar calor à nova povoação: estudos sobre estratégias sociais e familiares a partir dos registros batismais da Vila do Rio Grande (1738-1763)*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro. PPG – História Social, 2007 (Tese de Doutorado).

NEVES, Ilka. *Domingos José de Almeida e sua descendência*. Porto Alegre: EDIGAL, 1987.

PERROT, Michelle. Figuras e papéis. In: PERROT, Michelle (org.). *História da Vida Privada – Da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. Vol.4. Tradução Denise Bottman e Bernardo Jofilly. São Paulo: Companhia das Letras, 1991 pp.142-144.

PESAVENTO, Sandra J. *A Revolução Farroupilha*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

VAINFAS, Ronaldo. *Casamento, amor e desejo no Ocidente Cristão*. 2 ed. São Paulo: Ática, 1992.